



Universidade Federal de São
Paulo, São Paulo, Brasil.

FELIPE SILVA FIGUEIREDO

ARBITRARIEDADE, INCERTEZAS E REDES: UM “VOO BAIXO” SOBRE O MUNDO INTEIRO

Néstor García Canclini. 2016.
*O mundo inteiro como lugar
estranho*. São Paulo, Edusp, 176p.

Vemos nos últimos tempos circular na mídia e nas redes sociais notícias acerca das migrações forçadas e voluntárias, de ataques xenofóbicos, das fronteiras reais e imaginárias que se recriam de diferentes maneiras. Ao mesmo tempo, os meios de comunicação e a linguagem audiovisual nos dão a impressão de um mundo mais conectado e integrado. Operamos como “atores em rede”, recriando a todo instante as formas de associação, por isso, é colocada em dúvida “qualquer descrição da estrutura social” (2016, 17). Néstor García Canclini, doutor em filosofia e antropólogo argentino, leva-nos a olhar com mais estranheza o mundo diante de nossos olhos, num tempo em que a legitimidade da democracia é posta em cheque e as teorias que acreditávamos serem explicativas da realidade social, muitas vezes, não servem mais; um tempo em que estamos acostumados a encarar cotidianamente as mídias digitais e, muitas vezes, ver esse mundo através e a partir delas.

Os leitores mais desavisados podem sentir uma sensação de “estranheza” ao ler as primeiras páginas de *O mundo inteiro como lugar estranho*, obra de caráter ensaístico em que o autor reúne diversos gêneros de escritas. Há, ao lado dos capítulos em que Canclini faz uma análise crítica dos diversos temas abordados, alguns textos em que o filósofo se utiliza de uma narrativa ficcional, ora para descrever entrevistas, ora para descrever falas em congressos acadêmicos

bem como a trajetória de um estudante de doutorado para concluir a tese. Assim, exige-se atenção do leitor, já que nem sempre é possível identificar quem está falando ao longo do texto. O formato do ensaio, como diz o próprio autor, tem esse propósito mesmo “de tirar qualquer tom magistral”, além de dar certa fluidez à leitura que seria interrompida pelas “precisões acadêmicas”. Podemos dizer, assim, que o autor é mais inclinado às perguntas que às respostas, problematizando o arraigamento do saber acadêmico-científico em certezas magistrais. Examinar os pressupostos do senso comum já não cabe apenas aos filósofos e cientistas sociais, mas também é tarefa dos movimentos sociais.

De acordo com Canclini, “estamos em uma transição incerta que torna insegura qualquer descrição da estrutura social” (Ibid., 17) perante a arbitrariedade da realidade com que nos deparamos. É a partir de seu contato com a antropologia e do trabalho de campo que o filósofo pôde entrar em contato com realidades empíricas e nutrir um saber “transdisciplinar”, tendo em vista a insuficiência de sua própria área de formação. Para Canclini, falar em “transdisciplinaridade” não seria regressar a um momento do pensamento ocidental em que os saberes estavam pouco especializados, mas se trata justamente do movimento em que os pesquisadores contemporâneos, diante das arbitrariedades do mundo, “admitem a insuficiência da própria área [...] se reúne com os de outros departamentos e reformulam suas perguntas” (Ibid., 43).

Isso ocorre porque já não encontramos um mundo estável e passível de explicações a partir de conceitos que derivem de um método dedutivo capaz de fixar a realidade em um quadro teórico. Ao invés disso, o autor argumenta que devemos estudar os “atores em rede” (referência clara à Actor-Network Theory de Bruno Latour), mostrando como os atores se associam, constroem agência e solucionam conflitos a partir de suas possibilidades e das redes que criam e às quais escolhem se conectar.

Ao longo da narrativa, o autor percorre este mundo como um lugar estranho, lançando-se num “voo baixo” sobre temas como: ser estrangeiro; a democracia que, a seus olhos, ganha o adjetivo de “canalha”; formas de hacktivismo; maneiras de escrever ciência e literatura; além de falar sobre congressos acadêmicos e abrir lugares para a dúvida.

Não é possível mais pensar o mundo contemporâneo dissociado das novas formas de comunicação, escrita, circulação da informação e produções artísticas propiciadas pelos meios digitais e tecnológicos. Ao se perguntar “como ou quanto se lê” no capítulo três, por exemplo, o autor problematiza a “crise da leitura” dizendo que precisamos olhar para os meios pelos quais se acessa a informação e para as “novas apresentações do conhecimento” (Ibid., 33).

Canclini desloca a questão da leitura para olhar para os cruzamentos de suportes, formatos e linguagens. A própria ação de ler não é mais a mesma: “Também é saber usar ícones de navegação, barras de deslocamento, janelas, menus, *hyperlinks*, funções de busca de texto, imagens e música, mapas de sites” (Ibid.,34); tudo isso dentro de uma interface de autoria, ou seja, conteúdos fixados por empresas e instituições – que podem vender as informações dos usuários– ou mesmo em ambientes nos quais os usuários podem modificar e produzir os conteúdos, como nas redes sociais e em e-mails.

Ao lado de tal problemática coloca-se também a questão da vigilância e da espionagem, próprias desse mundo envolvido pela rede, e dos movimentos de protesto que se disseminam nela, apesar dos mecanismos de controle. Aborda-se então o *hacktivismo*, que atua, muitas vezes, em nome da ética da livre circulação, compartilhamento e cooperação de informações na rede. Essas questões colocam em dúvida nosso poder de escolha na internet e nas redes sociais, que nos oferecem possibilidades de atuação e subversão da ordem, embora se reconheça a colaboração das empresas de vigilância e de comunicação com os governos para obter acesso a determinadas informações.

Canclini, no capítulo que dá nome à obra, olha também para as diversas formas de estraneidade que aparecem no mundo contemporâneo, não só a partir dos fluxos migratórios e das políticas de fronteira, mas também pensando o mundo digital que se interpõe ao “mundo objetivo” e se constitui como uma parte dele. “Somos convidados ou pressionados a viver outras ‘pátrias’”. O autor utiliza metáforas para se referir a formas de estraneidade “não territoriais”. “O que significa habitar um mundo interconectado digitalmente onde cada vez é mais difícil ser estrangeiro?” (Ibid., 59) Para responder a essa questão, o autor propõe que levemos em consideração ao menos três noções acerca da estraneidade:

- a) a estraneidade como perda de um território próprio; b) a experiência de ser estrangeiro-nativo, ou seja, sentir-se estranho na própria sociedade; c) a experiência de sair de uma cidade ou nação que asfixia e escolher ser diferente ou minoria em uma sociedade ou língua que nunca vamos sentir como inteiramente própria (Ibid., 59).

Para além da violência e das dificuldades que sofrem os migrantes e exilados que saem de seu país em busca de emprego, por privações econômicas ou por questões políticas, Canclini vê a estraneidade não como uma decisão individual, mas como uma “estratégia familiar” que propicia trocas de “remessas culturais” entre “comunidades transnacionais” de comunicação fluida (Ibid., 60). O autor cita o exemplo dos migrantes

mexicanos que vão para os Estados Unidos e mandam, de lá, objetos de prestígio social para as famílias, como eletrodomésticos e roupas, ao passo que levam do México bens culturais e de valor afetivo, como comida, música e vídeos de cerimônias regionais. No entanto, essas trocas podem gerar distorções, pois, como aponta o autor, para serem aceitos os migrantes muitas vezes têm de participar do jogo de fugir de certos estereótipos referentes a sua nacionalidade.

Por outro lado, há ainda, de acordo com Canclini, a estraneidade ligada à sensação de se sentir estrangeiro dentro da própria sociedade, como no caso dos povos indígenas ou colonizados a quem é negado o exercício de expressão cultural, ou cujas práticas culturais são transformadas em mercadorias.

O autor também aborda os “deslocamentos contemporâneos”, conceito que evoca o termo espanhol *dislocación*, cujo sentido é de “desarticulação” e “alteração”, e que é comumente usado para se referir às articulações e formações geológicas, como aponta a nota do tradutor para esta edição. Os deslocamentos contemporâneos seriam, nesse sentido, aqueles gerados pela “interculturalidade” e pelas comunicações globalizadas: sentir-se estrangeiro no próprio país pelo aumento do número de pessoas que falam outras línguas e vestem outras roupas; sentir-se estrangeiro perante a dificuldade de passar do analógico para o digital, em uma geração alfabetizada pela tecnologia.

Há ainda aqueles que saem de seu país e, ao regressarem, sentem saudade de onde estiveram, vivendo uma experiência de estraneidade em relação ao seu local de origem. São os adeptos do que Canclini chama de “cosmopolitismo abstrato”, levada a cabo pelo conceito de “desterritorialização”, de rompimento de fronteiras e de que somos cidadãos do mundo. O autor propõe, no entanto, que percebamos as variadas maneiras de modificar os laços com nossa terra natal, e reconhece que o “desejo de ser estrangeiro” (Ibid., 63) se dá de diferentes maneiras entre migrantes geográficos e estrangeiros-nativos bem como entre aqueles que precisam se exilar por questões políticas.

O mundo contemporâneo, no entanto, traz uma novidade que coabita com essas formas de estraneidade, mesmo que arbitrariamente: a impossibilidade de ser estrangeiro, no sentido de que este não pertence totalmente e não construiu para si o próprio lugar. Canclini destaca que, além da diferença, para ser estrangeiro é preciso “intimidade”, coisa diluída num mundo onde empresas têm acesso a nossas informações pessoais, usadas em favorecimento do mercado e do consumo. Nesse sentido, o autor conclui que não podemos ser estrangeiros se somos clientes ou suspeitos vigiados a todo o momento, sistematizados dentro

de padrões de consumo e mesmo de pensamentos e gostos (o que não quer dizer que isso gere uma uniformização).

Ligam-se à essas reflexões os questionamentos do autor acerca da democracia: “a democratização, entendida como reconhecimento e regulação pública de direitos sociais, econômicos e políticos, é um ponto importante ainda na agenda de algum Estado?” Para o autor, “a resposta piora se, como exigem estes tempos de interdependências globais, perguntamos pelos direitos dos migrantes” (Ibid., 109). O capítulo em que Canclini trata dessas questões é um dos que aparecem sob a forma de ficção, cujo protagonista é um estudante de doutorado que está fazendo sua pesquisa de campo em um congresso acadêmico sobre “interdisciplina” e “decomposição política”. O texto acompanha diversos diálogos e questionamentos acerca das controvérsias em torno da democracia e sua legalidade, principalmente a partir de uma perspectiva dos chamados “países do sul”.

Essa mistura de gêneros dentro de um livro de caráter ensaístico faz, de maneira genial, que a forma de escrita dialogue com o conteúdo no sentido em que Canclini fala da constituição do objeto literário a partir do “processo sociocultural de sua elaboração, seu tráfico e as modulações em que se altera seu sentido” (Ibid., 96), bem como ao se questionarem as práticas culturais disseminadas pelas mídias digitais conectadas em rede. Ao tratar das fontes de seu livro, por exemplo, o autor afirma que um rápido “Google” nos trechos citados levam às referências bibliográficas e, por isso, se abstêm de certas formalidades que interrompam a leitura fluida do texto. A internet e as redes digitais permitiram não só uma modificação do escrito em seus vínculos com o audiovisual, modificando a autonomia do campo literário, mas

Também o predomínio do texto sobre o contexto, que marcou a teoria da literatura do século XX, diminui quando os leitores temos acesso na rede a romances ou poemas junto com links para performances dos autores, blogs em que os leitores os interpretam, pesquisas de marketing que situam no debate do dia a dia a fortuna dos textos. Os donos de livrarias que aconselham e os críticos especializados coexistem com trailers no YouTube e no Google (Ibid., 97-8).

A obra coloca em questão outras formas de se pensar o domínio público, as práticas democráticas de produção e circulação da cultura num mundo em que as relações digitais em rede se fazem presente. É a partir da “teoria ator-rede”, de Bruno Latour, que Canclini pensa a “cultura em tempos de decomposição social” (Ibid., 13) como algo mais que um lugar onde coisas se fixam; trata-se do espaço em que os atores encontram “repertórios” para agirem num mundo em que a todo o momento as

estruturas sociais são questionadas e modificadas, e não se pode falar em uma estabilidade a longo prazo. Por isso, podemos dizer metaforicamente que a empreitada de Canclini é um “voo baixo” sobre o mundo: ao sobrevoar grandes altitudes, teria uma visão generalista do mundo, tal como as teorias que questiona por serem incapazes de explicar as descontinuidades da contemporaneidade; mas, ao contrário, o voo baixo permite ao autor descrever como os atores se comportam em rede.

O leitor pode se guiar, assim como os atores em rede, por essa fina teia de conexões e possibilidades que o livro oferece para pensar o mundo como lugar estranho, com suas arbitrariedades e incertezas. Segundo Canclini, “reconhecer a incerteza não é abrir a porta traseira para a irracionalidade” (Ibid., 143), mas sim acessar as estruturas descontínuas e refeitas a todo momento, em vez de pensar um mundo com estruturas estáveis. Além disso, trata-se de uma perspectiva latino-americana para pensar o mundo contemporâneo e, como consta no próprio livro, “as epistemologias do sul tornam as do norte menos iludidas” (Ibid., 108).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

García Canclini, Néstor. 2016. *O mundo inteiro como lugar estranho*. São Paulo: Edusp.

Latour, Bruno. 2012. *Reagregando o social: uma introdução a teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba.

Latour, Bruno. 2013. *Jamais fomos modernos*, 3ª ed. São Paulo: Editora 34.

recebido

07.07.2017

aprovado

17.10.2017

FELIPE SILVA FIGUEIREDO

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Estado de São Paulo, Brasil.

